

O MASTRO

MOVIMENTO DOS CURSILHOS DE CRISTANDADE

Secretariado Regional da Grande Lisboa | Boletim de Ultréia | Ano X – Nº 105 | Nov/Dez 2020

COMUNICADO DO SECRETARIADO NACIONAL

O Secretariado Nacional tinha adiado a realização do Congresso do mês de abril para o próximo dia 28 e 29 de novembro na previsão de que, a seguir ao longo e eficaz confinamento, a pandemia estaria controlada.

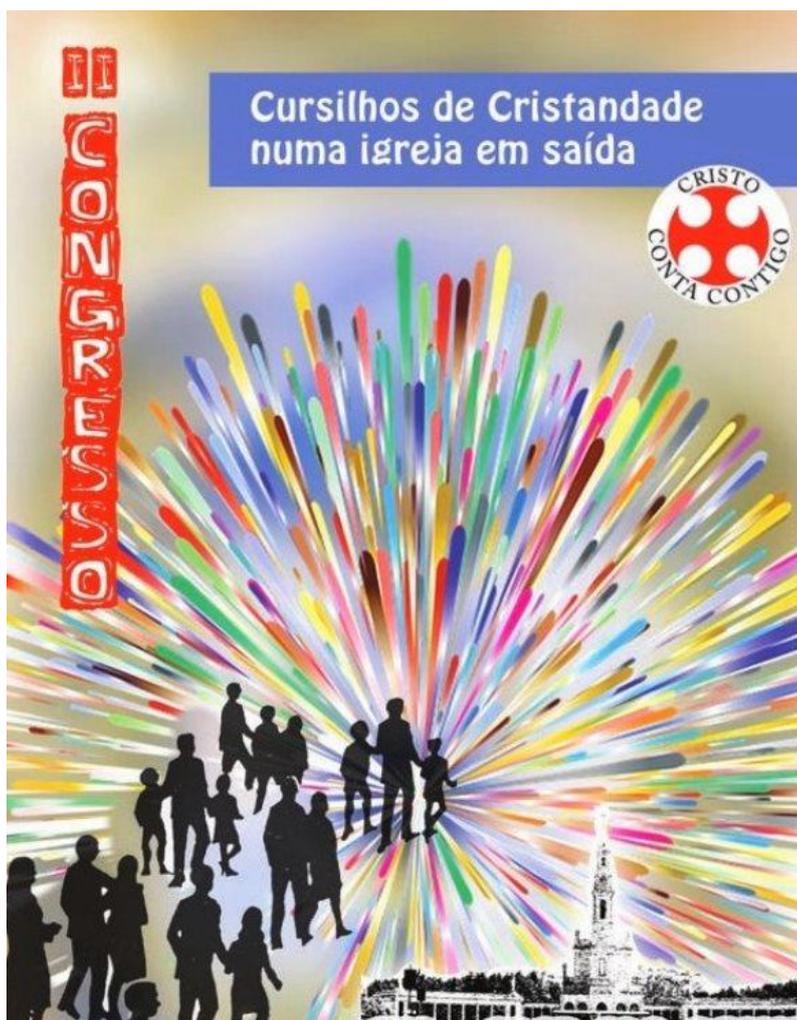
Infelizmente a pandemia tem recrudescido a todos os níveis nos últimos dias e não se prevê para quando o seu controle.

A atual situação pandémica faz com que muitos cursilistas hesitem em participar ou se disponham participar com natural receio.

Pretende-se que o II Congresso e a Peregrinação do MCC a Fátima tenha ampla e livre participação de todos. Apesar das medidas e orientações instituídas pela Direção Geral de Saúde para o Congresso, não nos pareceu suficientemente seguro prosseguir com a sua realização.

Assim, o Secretariado Nacional do MCC, reunido em Fátima no dia 24 de outubro, por unanimidade deliberou adiar a realização do II CONGRESSO DO MCC para o ano de 2021, em data a designar.

Mantêm-se em vigor as inscrições e pagamentos já efectuados.



No número especial do “Peregrino” comemorativo dos 25 anos dos Cursillos de Cristandade em Portugal, encontramos 2 relatos na 1ª pessoa: o de D. Vitoriano Arizti e o do Padre João Gonçalves, que pela sua importância neste momento que vivemos, a comemoração dos 60 anos do 1º Cursillo de Portugal, transcrevemos neste número do Mastro.

PALAVRAS

DO

PADRE JOÃO GONÇALVES

1 – Vitória, Novembro de 59

TUDO começou no 19º de Vitória, Espanha, em Novembro de 59.

Deslocara-me ali para um curso de Exercícios Espirituais, no Seminário Diocesano. Uma vez lá, fui abordado com insistência por alguns colegas espanhóis que insistiam que não viesse embora sem participar num «Cursillo de Cristandad».

Entrei com uma enorme bagagem de autosuficiência. Desinstalou-me a chicotada tremenda das intencções e o testemunho simples e despretenso de toda a equipa de responsáveis. Isso me levou a sentir de maneira palpável esta magnífica realidade do Corpo Místico, em verdadeira comunhão de Santos. Não podia deixar de me render e comprometer.

A «Clausura» no Centro Obrero foi autêntico delírio de Pentecostes.

Deus é estonteante nas coisas mais simples: o P. Irineu dava o seu testemunho. A meu lado, um jovem operário que fora como «chacha». Passei-lhe para a mão o meu crucifixo, bonito e com um certo valor estimativo, e propus-lhe que o trocasse pelo dele que eu gostaria de trazer como recordação. Logo mo entregou. O gesto não passou despercebido ao P. Irineu que exclamou acabar de assistir à entrega da «semilla» que, nesse preciso momento, era confiada a Portugal. Os momentos que se seguiram constituem uma daquelas vivências impossíveis de descrever. De pé, toda a assembleia irrompeu cantando o «De Cores». Não havia olhos enxutos, enquanto D. José Maria Cirarda, o Director Espiritual, exclamava emocionado: **«está aqui o dedo de Deus!»**

2 – Porquê Vitória?

VITÓRIA fica a 100 km da fronteira com a França e a 800 de Portugal.

Porquê Vitória tão distante da fronteira portuguesa, quando é certo que nessa altura havia dioceses mais próximas onde já estava implantado o Movimento? Para Deus não há acasos. Meses antes, tinha-se realizado o 25º de Ciudad Real, em que participou um sacerdote português, O P. Fernando Leite. No seu testemunho, falou da mensagem de Fátima, fazendo a aproximação

entre essa mensagem e a espiritualidade dos Cursillos. Presentes alguns cursillistas de Vitória, que se comprometeram a rezar diariamente uma dezena do terço para que o Movimento desse entrada no nosso país. O Senhor quis responder da maneira mais clara a esta intencção, dando-lhes a alegria de serem os iniciadores dos Cursillos em Portugal.

Só que apesar de tudo as coisas não caminhavam tão rápido como o pretendia a impacência dos nossos irmãos de Vitória.

Férias grandes em 1960: fui terminá-las em Fátima. No propósito de arrancada, havia a intencção de realizar o primeiro Cursillo em Fátima. Passei pela secretaria do Santuário e quis inteirar-me das condições para a realização de um «retiro» (não me atrevi a tratá-lo pelo nome próprio com receio de não ser compreendido...).

No meu pensamento, havia imaginado uma data ideal: a que apanhasse o feriado do 1º de Dezembro. Folheada a agenda, vistas as marcações, tudo estava tomado, excepto uma data... precisamente a do 1º de Dezembro! A resposta não podia ser mais clara. Tudo ficou marcado, embora sujeito a confirmação.

3 - À frente de tudo a intencção

Da secretaria do santuário voei às Carmelitas a pedir-lhes que fossem nossas «madrinhas».

Dali, fui à Capela das Aparições entregar tudo à Senhora. Encontrei lá um grupo de peregrinos de Vitória, entre os quais alguns cursillistas que tinham estado na clausura do 19º. A alegria deles foi tamanha que logo consideraram tudo como assente em definitivo. Levaram a notícia para Vitória.

No regresso de Fátima, fui dar contas ao Senhor Cardeal Patriarca da marcação provisória do Cursillo, pedindo-lhe autorização para confirmar a data. Dada luz verde, restava combinar com o bispo da Acção Católica e acertar a forma de realização do curso.

A primeira reunião preparatória foi realizada a 7 de Outubro, numa dependência da Igreja de Alcântara, depois assinalada com uma cerâmica policromada de Carlos Viseu. Numa segunda reunião viria a estar como convidado o P. Dâmaso Lambers que, no entanto, por compromissos já assumidos, não participaria no primeiro curso.

O primeiro curso de Portugal foi dirigido por uma equipa de responsáveis espanhóis, de Vitória, sendo Director Espiritual D. Vitoriano e Reitor Alejandro Arranz.

Na equipa foram ainda integrados dois leigos de Alcântara e o P. António Ribeiro, mais tarde Cardeal Patriarca de Lisboa.

E foi assim que, naquela noite frigidíssima de 30 de Novembro de 1960, principiou esta formidável aventura destinada a despertar para o «fundamental cristão» tantos homens e mulheres em Portugal, Angola, Moçambique, Itália, Inglaterra e Luxemburgo.

Passaram 25 anos! Valeu a pena? Cremos que sim.

Depois de todas as crises porque passou, estamos numa hora de renovação.

Há falhas e limitações. Há que aceitá-las como obra nossa.

Mas há que reconhecer também o muito de positivo e de grande que se tem realizado. O que há de mais profundo não se contabiliza e aí «**está o dedo de Deus**».

E o Movimento, como tal, só tem que colocar-se com humildade nas mãos da Igreja, numa procura constante de aperfeiçoamento de métodos, tendo como constantes a importância fundamental do grupo e o imprescindível duma vida espiritual bem alicerçada e exigente consigo mesmo.

PALAVRAS

DE

D. VITORIANO ARIZTI

«FOI em Fátima. Uma equipa da Escola de Responsáveis de Vitória, Espanha, tinha sido convidada pelo Patriarca de Lisboa (Cardeal Cerejeira - natural do Minho) para dirigir a primeiro Cursilho de Críandade de Portugal.

Tínhamos pedido a toda a Espanha «Intendências» para aquele Cursilho, e a resposta não podia ter sido mais generosa. Levámos para o primeiro Cursilho, sete quilos de folhas de intendência.

Fomos sem dúvida com santo temor e fervor, não só porque sentíamos que as nossas vidas estavam muito abaixo da mensagem que teríamos de proclamar, como também não falávamos português, ignorávamos a disposição dos candidatos perante o Cursilho e não sabíamos como é que os portugueses iriam reagir aos cânticos, às anedotas, etc.. Todavia fomos em paz, com os apoios de toda aquela intendência...

Ao chegar a Lisboa, três dias antes do começo do Cursilho, a nossa primeira surpresa foi que não se tinha ainda reunido um grupo de candidatos. Após um sem fim de peripécias finalmente conseguimos para o Cursilho um grupo de catorze leigos e sete sacerdotes.

Assim começou o 1º Cursilho, em Fátima, na noite de 29 de Novembro 1960.

Não nos entendiam, não entendiam nada. Falávamos um idioma que não lhes era inteligível, nem podíamos manter uma conversa com eles.

No primeiro dia do Cursilho, 30 de Novembro, parecia que não poderíamos aguentar «a coisa». Os cursilhistas não suportavam os nossos rollos, saindo da sala onde se realizava o Cursilho para irem a um café que ficava longe e combatiam o seu aborrecimento, passeando. Nós sentíamo-nos incapazes de os reter. No fim desse primeiro dia tínhamos a impressão de um fracasso completo e escandaloso. A equipa estava sem forças, pessimista e sem esperança. Era uma autêntica hecatombe. Fomo-nos deitar com as almas sangrando por todos os lados.

Que desastre! Eu não conseguia encontrar o sono e, naquele momento, recordei-me da Virgem Maria. Levantei-me da cama. Eram duas e meia da madrugada. Peguei nos sete quilos de folhas de intendência e caminhei sozinho para a esplanada do Santuário de Fátima. O frio era intenso e a noite escura.

Ajoelhei-me na esplanada. Peguei no meu terço e com os braços em cruz rezei o terço mais «bravo» que me lembro ter rezado na minha vida. Entre cada mistério pegava no enorme embrulho de intendência e mostrava-o a Nossa Senhora dizendo-Lhe: *Não vês quanto sangue está a ser derramado por este Cursilho?*

Nunca mais poderei esquecer-me desse momento. Enquanto rezava senti uma paz sobrenatural que inundava todo o meu ser. O meu coração enchia-se de alegria e de esperança. Quando acabei de rezar o terço voltei para a Casa de Retiros e já pude dormir. Na manhã seguinte tudo tinha mudado. A equipa dirigente acordava feliz e cheia de esperança. Os Cursilhistas, tanto sacerdotes como leigos, começavam a cantar e a saltitarem de alegria. Os rollos já lhes caíam bem e eram tremendamente apaixonantes. Entendiam tudo. Já conseguíamos falar nos tempos livres. Todos pareciam falar a mesma língua. Que grande Cursilho!»

Aqueles 14 leigos e 7 sacerdotes foram os iniciadores em Portugal de um Movimento que só na Diocese de Lisboa, no ano de 1979, celebraria 500 Cursilhos de Críandade».

(Deve acrescentar-se que dos sete padres portugueses, um foi Cardeal Patriarca de Lisboa, um Arcebispo de Huambo em Angola e outro, já falecido, foi Bispo do Funchal).

Que grande e bom pastor foi aquele sacerdote que escreveu as linhas que acabo de vos apresentar, Don Vitoriano Arizti. Que maravilha de generosidade a intendência que, oferecida ao Senhor e a Nossa Senhora anonimamente por milhares de espanhóis, tornou esse 1º Cursilho possível e de grande sucesso.



Fátima - 29 de Novembro a 2 de Dezembro 1960

Direcção Espiritual: D. Victoriano Arizti; Pe. António Ribeiro; Pe. João Gonçalves

Equipa: Alejandro Arrans; Raul Isaias Romero; Juan Apodaca; Victoriano Narañano; Joaquim Pires; Américo Simões Miguel

Participantes: Con. Manuel Franklin Costa; Pe. Aleixo Cordeiro; Pe. João Brito Atanásio; Pe. Mário Gomes Loureiro; Pe. Francisco Santana; Pe. Manuel Ferreira da Silva; Vladimiro Nascimento Carvalho; José de Almeida Figueiredo; António dos Santos Carril; Ramiro da Cruz Júnior; Vítor Manuel Gonçalves Pimenta; João Henriques; José Simão; Fernando Santos Coelho; José António da Costa Pinto; César Joaquim da Silva Fonseca; José Policarpo de Carvalho; Luís Delgado; Eugénio Pinto

Ano Pastoral 2020-2021



D E C O L O R E S